

As Múltiplas independências

a formação de uma identidade nacional



Diretora: Adriana Rizkallah

Renata Geraissati Castro de Almeida

Colaboração Diogenes Sousa

Arte Eduardo Grigaitis



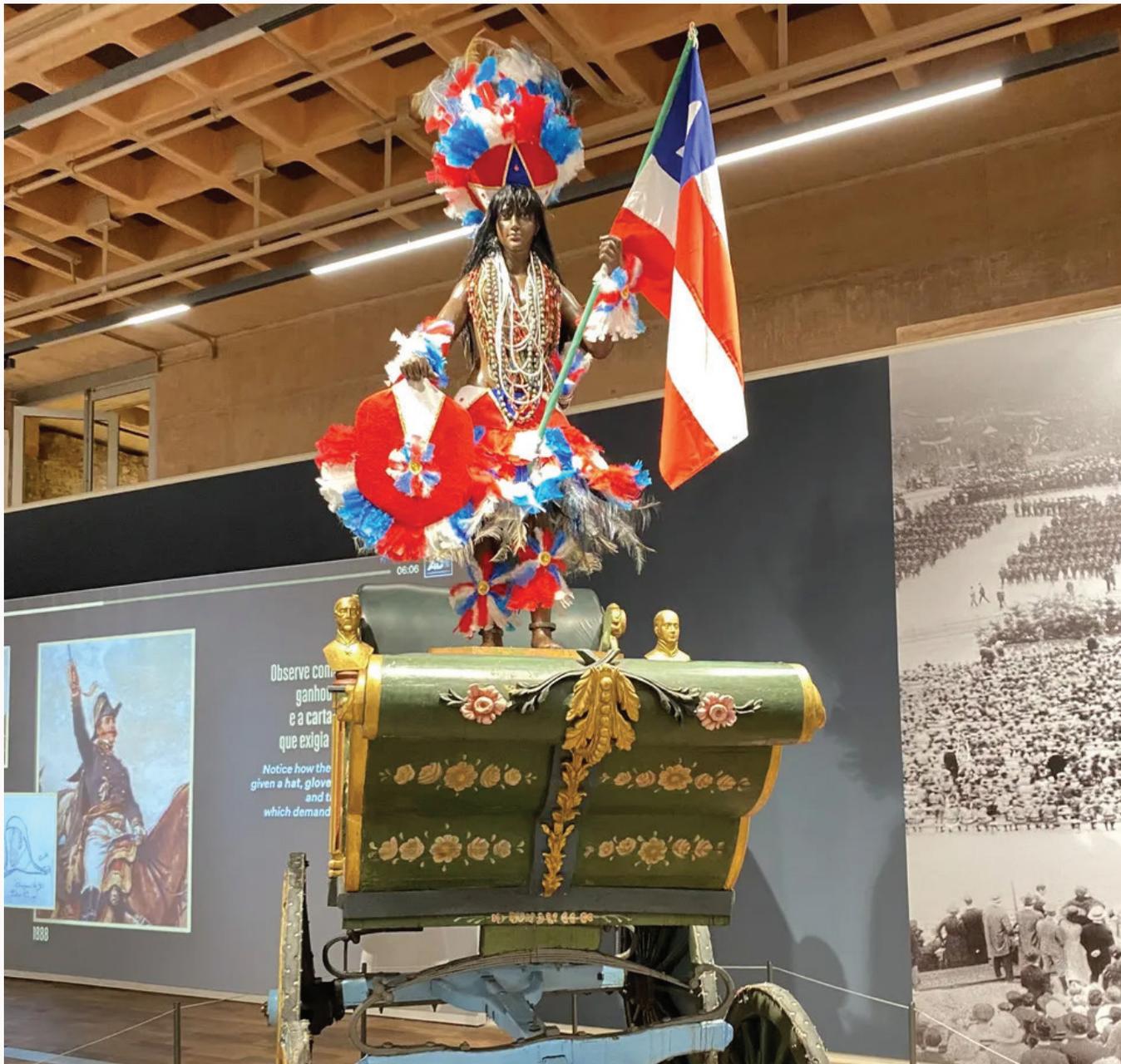
T

odos os anos, ao nos aproximarmos do 7 de setembro, dia em que celebramos a Independência do Brasil, invariavelmente vem à nossa memória alguns trechos do hino nacional, em especial a imagem do “ouviram do Ipiranga as margens plácidas”. Cristalizado como um momento que deixou profundas marcas na construção da identidade nacional brasileira, representando o rompimento com a metrópole.

A figura daquele que seria o futuro imperador, Dom Pedro I, e a proclamação da independência às margens do rio Ipiranga se tornaram símbolo de nossa história, algo que, segundo Graham (2018), ajudou a unificar grande diversidade brasileira sob a bandeira de uma nação independente, incorporando diferentes elementos culturais em uma identidade compartilhada. Os fazendeiros e a elite aceitaram uma autoridade central para conter a ameaça de uma desordem social e pelo apelo de uma monarquia legítima.



*Retrato de Dom Pedro I
por Henrique José da Silva*



No início do ano de 2023, o Museu Paulista inaugurou a exposição “Memórias da Independência”, que permaneceu em cartaz até março. Seu objetivo era mostrar que esse processo envolveu inúmeras articulações em vários pontos do país. Logo, a Independência não ocorreu apenas em São Paulo ou no riacho do Ipiranga, mas foi um movimento no Brasil como um todo.

A mostra, a partir de esculturas, pinturas, fotografias, objetos decorativos, selos, desenhos, cartões-postais, discos, cartazes de filmes e charges produzidos desde 1820 até o bicentenário, procurou ilustrar o imaginário da independência do país, com materiais sobre a Revolução Pernambucana, Farroupilha no Rio Grande do Sul, o 2 de Julho na Bahia e a Inconfidência Mineira, e demonstrou as disputas entre São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador pelo protagonismo nesse episódio.

Mas por que São Paulo tentou construir para si essa posição privilegiada com relação ao processo independentista?



A exposição “Memórias da Independência no recém inaugurado Museu Paulista, em 2023, mostrou aspectos diversos da luta pela independência Brasileira, como os movimentos da Bahia e Rio Grande do Sul, trazendo luz a um processo que foi contínuo, muito embora, no imaginário coletivo, o “grito do Ipiranga” é o clímax da independência.

Disputas Políticas entre São Paulo e Rio de Janeiro

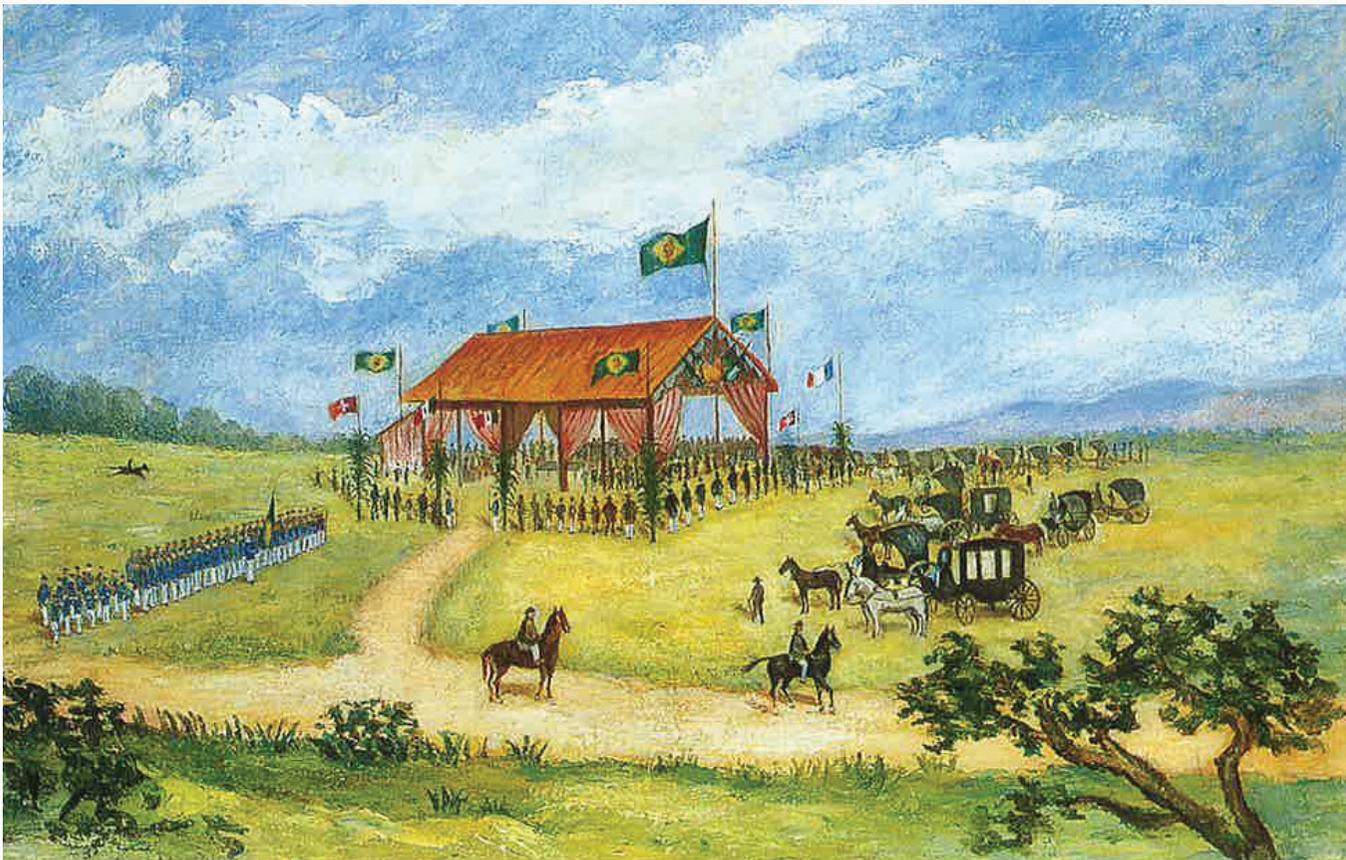
Perpetuar uma imagem de “origem” da “nação” envolveu inúmeras disputas dentro do governo imperial. No calendário comemorativo do Império, o 7 de setembro não foi comemorado até o ano de 1926, quando aprovado pela Assembleia Legislativa em um esforço de legitimação do governo monárquico, com sua celebração até então estando restrita à São Paulo (OLIVEIRA, 1995, p.215).

Na corte, o Rio de Janeiro, as discussões na Câmara Municipal sobre uma homenagem à figura de Dom Pedro e ao marco da Independência, utilizavam como baliza temporal o dia 25 de Março, se associando à Carta Constitucional, que representaria o momento de autonomia política do país. Contudo, a efetivação de marcos desse episódio no espaço público só foram efetivadas anos depois com

a estátua equestre de D. Pedro I (1862) e a escultura de José Bonifácio (1872).

A construção do monumento em São Paulo envolveu os embates entre os partidos liberal e conservador, a província e o governo central, bem como a tentativa de setores paulistas em retirar da esfera do Império o poder para realizar a empreitada. Neste jogo político, os paulistas ansiavam por se qualificarem como “berço da nacionalidade” (OLIVEIRA, 1995, P.202).

Demarcar o Ipiranga como o espaço do surgimento do Estado-Nação, se tornou um lugar comum mobilizado para criar representações sobre o passado, e a tentativa de construção de um marco para essa memória ocorreu quase simultaneamente ao evento.



A tela de Henrique Manzo (1896 - 1982) retrata o que teria sido a solenidade de lançamento da pedra fundamental do Monumento do Ipiranga, em 1882, reforçando a narrativa paulista de protagonismo na independência brasileira.

Na página seguinte, ata da sessão extraordinária da Câmara Municipal de São Paulo, em que foi nomeada uma comissão para dar andamento à construção de um monumento comemorativo da independência.

SESSÃO EXTRAORDINARIA

Presidência do Snr. Capm. Bento José Alves Pereira

Aos vinte quatro de Abril de mil oito centos e sessenta e nove nesta Imperial Cidade de São Paulo em a Casa da residência do mesmo snr. presidente, por estar funcionando o Jury no Paço da Camara Municipal, comparecerão os Senres. Vereadores Dutra Rodrigues, Cantinho, Rodovalho, Luiz Pacheco, Carneiro Leão, Silva Lopes e Bento; faltando os senres. Freitas e Bitencourt, o snr. presidente declarou aberta a Sessão. Foi lida e aprovada a acta da Sessão antecedente.

O Snr. Presidente disse que o fim desta Sessão era tratar-se dos meios de levar a effeito a grandiosa idéa da erecção de um monumento no Ypiranga, iniciada pelo Snr. commendador Mesquita. O Snr. Rodovalho propôz que se nomeasse na côrte uma Commissão Central a qual incumbisse a realisação desta importante idéa, ficando igualmente a mesma authorisada a deliberar sobre os meios praticos de levalla a effeito. Foi approvada. O Snr. Presidente nomeou para esta Commissão os Exmos. Senres. Conselheiro Barão do Bom Retiro (Presidente) — Senador Barão de Pirapama — Conselheiro Francisco de Paula Negreiros Sayão Lobato — Comendador Jerônimo José de Mesquita — Jacintho Alves Bar-

José Pedro Dias de Carvalho — Veador José Joaquim de Lima e Silva Subrinho — Dor. Izidro Borges Monteiro.

Em seguida o Dor. Dutra Rodrigues, propôz que se officiasse aos Senres. Commendador Mesquita e Conde de Bomfim agradecendo as generosas offertas feitas, e que a Camara nomeasse uma Commissão de trez membros para ir comprimentar por parte da Camara ao Snr. Commendador Mesquita. Foi approvado.

O Snr. Prezidente nomeou para esta Commissão os Senres. Dor. Dutra Rodrigues, Tene. Corel. Antonio Proost Rodovalho, e Luiz Joaquim de Castro Carneiro Leão. Nada mais havendo a tratar-se o Snr. presidente levantou a Sessão ao meio dia; do que para constar mandou o snr. Presidente lavrar a presente acta em que se assigna com os demais Senres. Vereadores. Eu José Pascoal Baylão, secretario interino que a escrevi. — Alves. Pera. — Pacheco de Toledo — Proost Rodovalho — F. A. Dutra Rodrigues — Silva Lopes.

Já em janeiro de 1823, Antônio da Silva Prado, dirigiu uma proposta ao Governo Provisório da Província de São Paulo, pedindo por um Monumento “que faça memorável o dia 7 de Setembro do ano passado, em que foi por Sua Magestade Imperial proclamada a Independência deste Império”. José Bonifácio de Andrada e Silva deu a concessão para a construção de um monumento que lembrasse a proclamação de independência e trouxesse maior visibilidade para a região em fevereiro de 1823 (BARRO; BACELLI, 1979. p.17.)

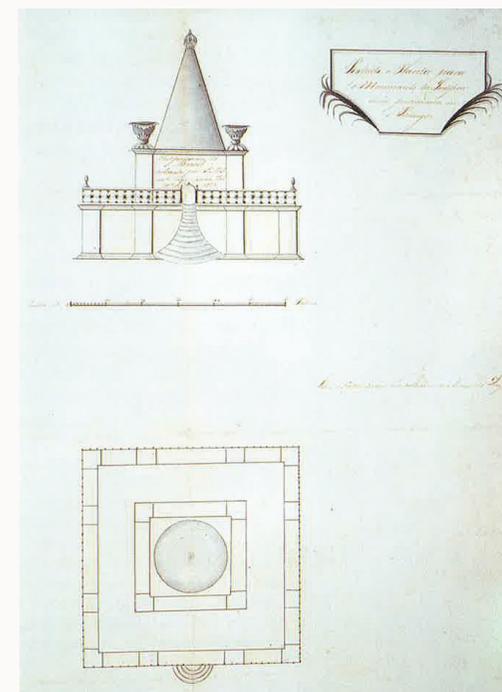
Pela Lei nº 26, de 18 de Abril de 1855, foi sancionado pelo presidente da Província, José Antônio Saraiva, que seria levantado na colina do Ipiranga um monumento em memória desse ato em uma vasta praça e “dela partirá uma rua em linha reta ao ponto mais próximo da capital”.

A Província cederia gratuitamente terrenos a pessoas que se comprometem a construir neles edifícios conforme as normas determinadas, e desapropriar os particulares que fossem necessários. Para a execução do projeto seria aberta uma subscrição para a qual seriam “convidados a concorrer voluntariamente todos os cidadãos com o donativo que lhes aprouver”.

Em 1869, a temática voltou a ser debatida na Câmara Municipal de São Paulo. O comendador Jerônimo José de Mesquita dirigiu à Câmara Municipal de São Paulo um ofício sobre “a necessidade de erigir-se nas margens do Ipiranga um monumento que mostre aos vindouros o lugar onde se soltou o glorioso grito - Independência ou Morte - que tornou o Brasil por encanto Império e Império livre (...)” (CMCMSP,

23.04.1869, p.114.).

Em sessão extraordinária da Câmara, realizada no dia seguinte, foi nomeada uma “Comissão Central” composta por políticos atuantes na Corte que dariam andamento na promoção do monumento, se encarregando de gerenciar o plano de obras e os recursos necessários para construí-la (CMCMSP, 24.04.1869, p.121). Contudo, apesar do pronto reconhecimento como um local de importância simbólica e das subscrições feitas para sua construção, o monumento foi erguido muitos anos depois.



Primeiro projeto de um monumento à independência, de 1876. Autor desconhecido.

O concurso

O jornal Correio Paulistano em sua edição de 13 de fevereiro de 1876 publicou o concurso “Monumento do Ypiranga”, nele a comissão responsável pela efetivação da edificação frisava que a fim de haver tempo para a realização do projeto estava aberta uma chamada para o envio de propostas até 31 de julho daquele ano.

O edital descreveu alguns dos critérios a serem respeitados, entre eles, que os projetos contivessem “estátuas de todos aqueles que como chefes tentaram a Independência do Brasil, embora fossem mal sucedidos e dela mártires, e dos que operam directa e efectivamente para a Independência realizada”.

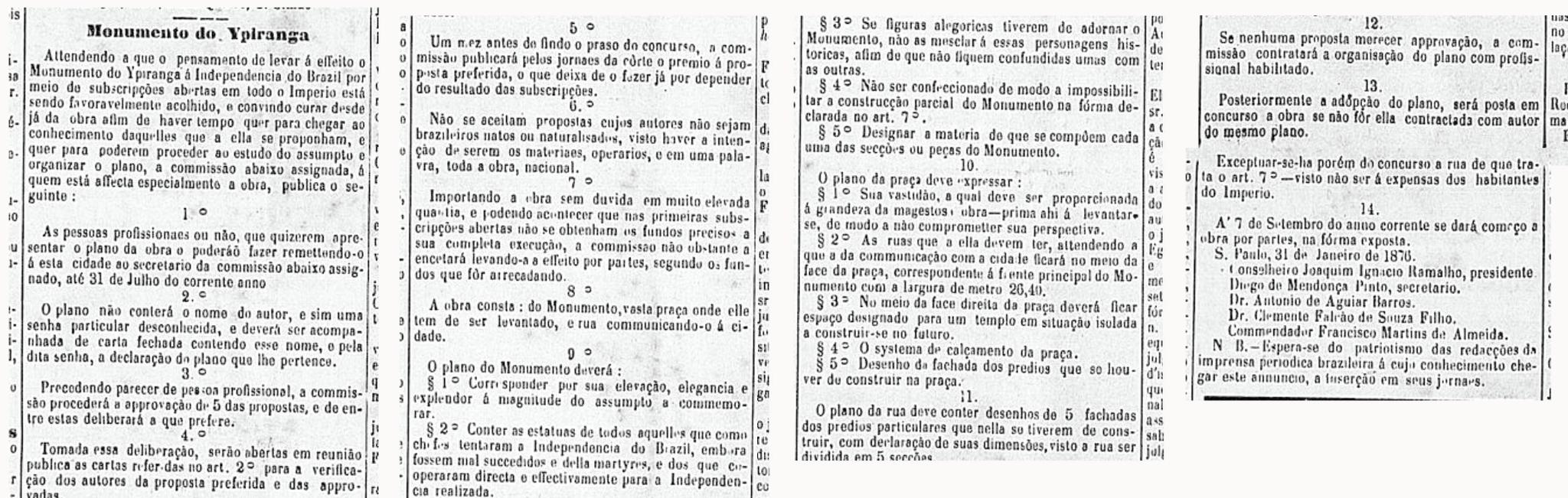
O envio dos planos seria anônimo e não seriam aceitas propostas de autores que não fossem brasileiros natos ou naturalizados “visto haver a intenção de serem os materiais, operários, e em uma palavra, toda a obra, nacional”.

No entanto, apesar do concurso, a construção do monumento não avançou por um longo período.

Somente a partir de 1881, o projeto começou a se concretizar com o desenho elaborado por Thomaz Gaudêncio Bezzi, nascido em Turim em 1844 e formado como engenheiro-arquiteto na mesma cidade, fato que provocou reações na imprensa.

Na Secção-livre de 5 dezembro de 1882 um autor não identificado escreveu no Correio Paulistano criticando estar “entre nós um arquiteto italiano” com o projeto pronto para o Monumento do Ipiranga sem que tivesse sido realizado um concurso entre “arquitetos nacionais e estrangeiros”.

A crítica também ressaltava que diversos arquitetos brasileiros de reconhecida competência seriam mais apropriados para um ato que pretendia celebrar a Independência, e terminava com a frase “não somos exigentes reclamando que a preferência seja dada em concurso ao que mais se distinguir, ainda mesmo que seja nacional”.



Reprodução do regulamento do edital para a construção de um monumento no local da proclamação da Independência, às margens do riacho de Ipiranga.

Após algumas idas e vindas nas negociações entre Bezzi e a Comissão de Obras, ele foi responsável em 1885 pela recomendação do orçamento da empresa de Luigi Pucci para se encarregar da construção.

Além do edifício principal, o projeto contemplou também uma proposta urbanística para promover a ocupação da região, com o loteamento de importantes áreas, a abertura de ruas e avenidas, bem como a delimitação dos terrenos destinados ao Monumento e à praça, que viriam a compor o futuro parque da Independência (OLIVEIRA, Op.Cit., p.204.).

A comissão do Monumento do Ypiranga

Consta que se acha entre nós um architecto italiano com a planta para o instituto do Ypiranga, sem que tivosse sido preferido em concurso estabelecido entre architectos nacionaes e estrangeiros. Nós que temos architectos vantajosamente conhecidos por sua aptidão e pericia, palimos que em attenção ao grande acto que se quer commemorar, se ponha os artistas nacionaes no mesmo plano de igualdade dos estrangeiros. Não somos exigentes reclamando que a preferencia seja dada em cõcurso ao que mais se distinguir, ainda mesmo que seja nacional.

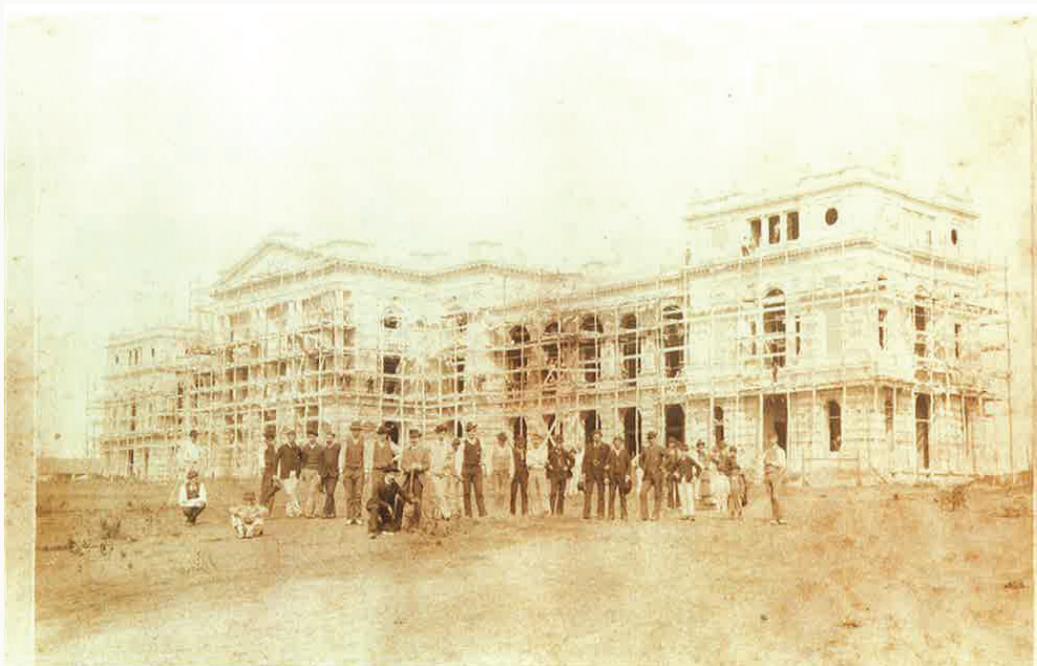
Opin-ão publica.

Para que o projeto de Bezzi fosse executado por Luigi Pucci, foi instalada uma máquina a vapor para tracionar os vagões que trariam os materiais para a construção da estrada de ferro São Paulo Railway até o canteiro. A obra foi finalizada em 15 de novembro de 1890, já no governo republicano.

Cinco anos depois foi criado o Museu de Ciências Naturais, que mudou de feição após a gestão de Alfredo Taunay, responsável por reforçar o papel histórico da instituição para o centenário em 1922, encomendando as pinturas e as esculturas que vemos hoje no Museu Paulista.

A construção deste marco envolveu embates entre Corte e Província, com relação aos recursos necessários a sua efetivação e sua forma de emprego, idas e vindas em comissões e concorrências públicas para definir os responsáveis pela execução da obra.

Contudo, a construção do conjunto que compõem o Parque da Independência demorou mais alguns anos com a construção do Monumento à Independência, idealizado por Ettore Ximenes, sendo inaugurado apenas em 1922, e sendo alvo de questionamentos ao fato de ser italiano e à originalidade do projeto.



Ettore Ximenes foi autor do Monumento Amizade Sírio-libanesa e para saber mais sobre a relação da Casa da Boia com as comemorações do centenário da Independência veja nosso editorial “Independência ou Morte, disponível em formato PDF em:

www.casadaboia.com.br/cultural

A escolha do projeto de um italiano, Thomaz Gaudêncio Bezzi, causou polêmica, mas a despeito das críticas a obra do edifício principal do atual Museu Paulista foi concluída em 1890.

Bibliografia

BARBUY, Heloisa (org). Museu Paulista: Um monumento no Ipiranga (História de um edifício centenário e de sua recuperação). São Paulo: Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1997.

BARRO, Máximo; BACELLI, Roney. Ipiranga. História dos Bairros de São Paulo, v.14. São Paulo: DPH, 1979.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. O espetáculo do Ipiranga: reflexões preliminares sobre o imaginário da Independência. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.3, p.195-208, jan./dez. 1995.

Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo. Anais da Câmara Municipal de São Paulo. Sessão Ordinária de 23.04.1869.

Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo. Anais da Câmara Municipal de São Paulo. Sessão Ordinária de 24.04.1869.

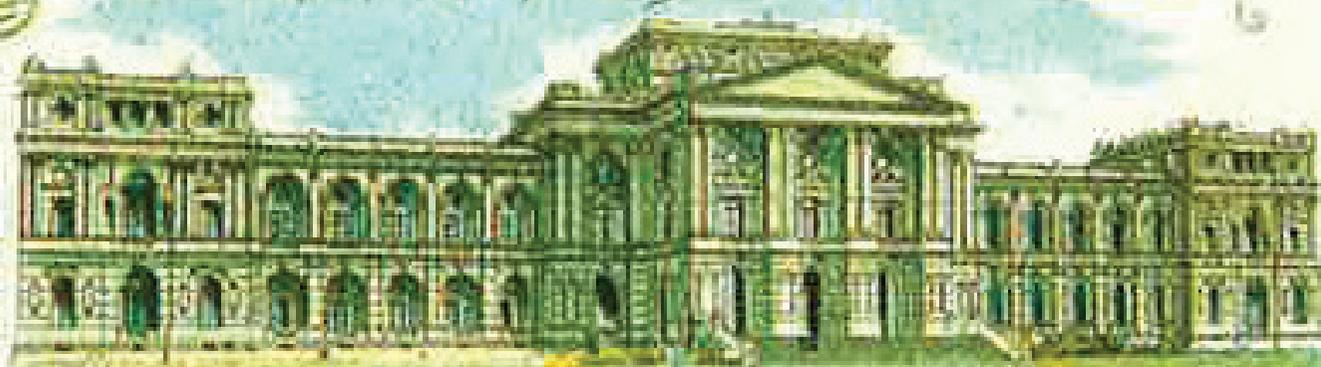
TOLEDO, Benedito Lima de. Museu do Ipiranga. Um futuro para o projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi e Luigi Pucci. Drops, São Paulo, ano 10, n. 028.01, Vitruvius, jun. 2009 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/10.028/1800>>.

BARRUCHO, Luis. Por que o Brasil continuou um só, enquanto a América espanhola se dividiu em vários países? Publicada originalmente em 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45229400>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1855/lei-26-18.04.1855.html>



Monumento Ypiranga



LEMBRANÇA DE
SÃO PAULO

19-3-1900

CASA DA
BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
setembro, 2023